

EXPERIMENTANDO O MÉTODO QUALITATIVO: UM EXERCÍCIO DE VIVÊNCIA ETNOGRÁFICA

HUDSON DO VALE DE OLIVEIRA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

GABRIELA BUFFON

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

MARÍLIA RIBAS MACHADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

SIMONE GHISI FEUERSCHÜTTE

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

Agradecimento à orgão de fomento:

Não se aplica.

EXPERIMENTANDO O MÉTODO QUALITATIVO: UM EXERCÍCIO DE VIVÊNCIA ETNOGRÁFICA

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa qualitativa tem, ao longo dos anos, ganhado mais espaço nos estudos organizacionais, especialmente como uma possibilidade frente à tradicional lógica da epistemologia funcionalista predominante no campo (BARBOSA *et al.*, 2013; SCHNEIDER *et al.*, 2019). Um dos pressupostos da pesquisa qualitativa é a interação sujeito e fenômeno, o que reforça a necessidade de ser estudada afim de promover novos percursos na realização de estudos na área da administração.

No ensino da abordagem qualitativa de pesquisa a aproximação entre o objeto e o pesquisador é oportuna para a aprendizagem do método, uma vez que essa proximidade pode favorecer uma interação entre o sujeito e o objeto para melhor compreensão do fenômeno estudado (GÜNTHER, 2006).

Para além dessa interação, as pesquisas com abordagem qualitativa necessitam de maior rigor quanto aos métodos utilizados frente à multiplicidade de estratégias que, comumente, são adotadas para a coleta dos dados, de forma que os seus resultados tenham impacto e sejam considerados válidos (GARSIDE, 2013; CAVALCANTI, 2017).

Em virtude de suas características, especialmente em função da importância da interação do pesquisador com o fenômeno em estudo, o ensino de métodos qualitativos deveria privilegiar a promoção de estratégias vivenciadas, dinâmicas e que despertassem nos alunos alguns elementos típicos do método, como por exemplo o da etnografia, que durante muito tempo era identificada como sendo a própria pesquisa qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Alcadipani (2014) destaca que nos estudos organizacionais a etnografia impõe desafios ao pesquisador; a sua aplicação é a melhor maneira de se conhecer as organizações - como elas acontecem, em seus detalhes e idiossincrasias. Assim, entendendo a interação esperada entre o pesquisador e o fenômeno - ele precisa estar com o fenômeno, respeitado o devido distanciamento/estranhamento -, acreditamos na importância de se desenvolver estratégias de ensino de métodos qualitativos que promovam tal aproximação. Cefai *et al.* (2010) ressaltam, nesse sentido, que a etnografia vai muito além dos meios acadêmicos, pois é uma pesquisa que possui valor social, ordena problemas e suscita debates na realidade vivenciada.

A vivência com o campo / objeto, aproximando-se do fenômeno em estudo, se configura como estratégia importante no ensino da pesquisa qualitativa e do método etnográfico, especialmente por possibilitar aos estudantes vivenciarem práticas de pesquisa qualitativa. Dessa forma, com a intenção de sugerir uma alternativa para o ensino da pesquisa qualitativa e do método etnográfico, temos como objetivo, neste trabalho, identificar as percepções de doutorandos sobre uma “vivência etnográfica” a partir de uma experiência desenvolvida no contexto da disciplina de Métodos Qualitativos de Pesquisa em Administração, do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade do Estado de Santa Catarina / Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas (UDESC/ESAG). Buscamos, com o relato da experiência e das percepções dos estudantes, contribuir com o debate sobre o ensino de métodos qualitativos, vislumbrando reforçar a importância de o pesquisador interagir com os fenômenos que emergem do campo, articulando ‘teoria e fato’, de modo a melhor compreender e desvelar a realidade de investigação.

2. PESQUISA QUALITATIVA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As pesquisas qualitativas representam de maneira significativa os diferentes momentos que o mundo vivenciou ao longo dos anos, principalmente nas disciplinas de ciências humanas. O campo da Antropologia influenciou consideravelmente essas pesquisas, bem como a Escola de Chicago, com estudos com foco em compreender o outro exótico (DENZIN; LINCOLN, 2006). A pesquisa qualitativa expressa, ao longo de sua trajetória, diferentes momentos históricos, caracterizando-se por ter foco nas tradições, o período tradicional (1900-1950), passando pelo pós-modernismo, voltado para novas experiências (1990-1995), chegando ao momento como conhecemos o método hoje, que é o período futuro (a partir de 2000).

Denzin e Lincoln (2006) referem-se à pesquisa qualitativa como uma abordagem mais naturalista e interpretativista do mundo, pois os seus pesquisadores buscam compreender as coisas no seu cenário natural, assim como interpretar os fenômenos por meio do significado que as pessoas lhe atribuem. Para tanto, o pesquisador utiliza diferentes técnicas na coleta dos dados, assumindo um papel de *bricoleur*. Essa multiplicidade de técnicas busca assegurar a compreensão profunda do fenômeno estudado e, assim, fornecendo rigor, complexidade, riqueza e profundidade na investigação (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Realizar uma pesquisa qualitativa é muito mais complexo do que pode parecer, pois o campo - e as interações sociais que nele se constroem -, principalmente com no âmbito das relações humanas, é incerto.

Embora o foco deste artigo não seja aprofundar reflexões acerca dos consensos e dissensos em torno da abordagem qualitativa, é importante destacar o debate existente sobre o aspecto da generalização, assunto polêmico entre pesquisadores do método. Pois, diferente das pesquisas quantitativas, os resultados nas pesquisas qualitativas não são passíveis de generalizações, até pelas pequenas amostras que compõem esses estudos, o que não pode ser visto como algo negativo, tendo em vista que os resultados dessa pequena amostra normalmente são tratados em profundidade. Entretanto, de acordo com Cavalcanti (2017) as pesquisas qualitativas devem ser passíveis de transferibilidade, quando o pesquisador focaliza as evidências geradas nos estudos para que os leitores possam transferi-las a seus contextos similares, com significados próprios para o contexto sob investigação.

Na esteira desse debate e considerando os diferentes métodos adotados nos estudos com abordagem qualitativa, sobretudo na Administração, Schneider *et al.* (2019, p. 93) destacam que “a utilização de novos métodos trouxe uma riqueza sem precedentes às pesquisas em Administração, visto que, por meio de várias delas, busca-se compreender a complexidade que circunda um objeto de estudo”.

Dentre os procedimentos qualitativos de pesquisa, a observação participante merece destaque, pois ela permite que o pesquisador fique submerso no campo para a compreensão profunda do fenômeno de interesse, o que facilita a “transferência” da pesquisa qualitativa para o leitor.

2.1. Etnografia: características e alternativas para o ensino do método

A etnografia surge, como método de pesquisa, do interesse do descobrimento do outro, cujo objetivo é descrever um povo, através da sua base conceitual cultural (VIDICH; LYMAN, 2006).

Na busca da compreensão do outro, segundo Andion e Serva (2006), a etnografia surge formalmente com a Antropologia, tendo como estudo seminal o de Malinowski, entre os anos de 1914 e 1918, realizado no arquipélago Trobriand na Nova Guiné. Conforme Vidich e Lyman (2006), a profissionalização da etnografia passou por diferentes transformações desde

as pesquisas de colonizadores, com perspectivas antropológicas coloniais até estudos sobre culturas subdesenvolvidas a partir da década de 70, os quais possuíam um viés para “[...] a avaliação do ‘progresso’ do ‘outro’ [...]” (VIDICH; LYMAN, 2006, p. 56). A pesquisa etnográfica continuou a evoluir na busca por compreender desde o “outro” indígena americano, até os fenômenos periféricos das cidades, como os guetos e as chamadas cidades pequenas. Trata-se de um método extremamente refinado em que o foco das pesquisas passou a ser a vida moderna da sociedade (RUBEN; SERVA; CASTRO, 1996).

A etnografia tem como propósito a compreensão dos fenômenos a partir de uma perspectiva interna; sua principal característica é a inserção do pesquisador no ambiente a ser pesquisado (FLICK, 2009). Sua participação é profunda ao inserir-se no campo, pois ele sente as dores, agonias, experiências emocionais, pequenas vitórias, traumas, fantasias, sonhos e esperanças presentes no contexto vivenciado; portanto, trata-se de narrativas reais do campo pesquisado (VAN MAANEN, 1988, apud VIDICH; LYMAN, 2006).

Devido à participação prolongada do pesquisador no campo, faz-se necessário o uso de diversas estratégias ou procedimentos para que atinja o objetivo proposto na pesquisa. Dentre estes podem ser mencionados a entrevista semiestruturada, a análise documental, a análise de discurso e de conteúdo, a observação participante, utilização de *softwares*, fotos, vídeos, dentre outros (FLICK, 2009; COSTA FILHO; GOMES; TEIXEIRA, 2019).

Andion e Serva (2006) enfatizam que a pesquisa etnográfica, para além de um método, trata-se de uma postura do pesquisador diante do objeto e do contexto de pesquisa. O pesquisador assume uma postura dialética na relação sujeito-objeto, movimentando-se no ir e vir ao universo do pesquisador e do outro a ser pesquisado; e isso requer identificação de semelhanças e de diferenças entre os dois universos. Além disso, é necessária a dialética do particular ao geral, em que o pesquisador realiza constantemente uma contextualização das particularidades dos fenômenos e das interpretações das expressões de outros aspectos às situações sociais. É necessário também que haja a dialética entre subjetividade e objetividade, pois a relação do pesquisador com o fenômeno pesquisado nunca será neutra. Assim, essas dimensões devem ser relevadas pelo pesquisador, considerando-as nas interpretações do fenômeno por meio das suas experiências (ANDION; SERVA, 2006).

Ratificamos que a etnografia não possui procedimentos metodológicos padronizados para a sua realização. Dado que a inserção do pesquisador no campo a ser analisado é um caminho turvo a ser percorrido, se torna necessário que ele desenvolva e exercite habilidades na realização de pesquisas qualitativas e etnográficas para perceber as sutilezas que o campo proporciona e consiga “olhar” os fenômenos que surgem recorrentemente nessas pesquisas, conforme enfatizam Andion e Serva (2006).

Nessa perspectiva, nos parece ser importante promover discussões acerca do ensino do método etnográfico, buscando desenvolver estratégias que possam ser utilizadas não só na sua aplicação, mas na prática de seus procedimentos, com foco em oportunizar a vivência de suas características e particularidades. Assim, o ensino a partir do exercício do método permite aos pesquisadores experimentar uma aproximação à pesquisa, no sentido do “aprender fazendo”, tal qual a vivência que deu luz para que este artigo fosse elaborado. No tópico a seguir, apresentamos um relato sobre a vivência etnográfica implementada na disciplina de métodos qualitativos no Curso de Doutorado em Administração da UDESC/ESAG.

3. DESCRIÇÃO DA VIVÊNCIA ETNOGRÁFICA

O percurso metodológico deste relato-técnico acadêmico se inter-relaciona com a metodologia adotada para a realização da vivência etnográfica. A caracterização da vivência etnográfica como um relato técnico-acadêmico ocorre por se tratar de uma prática vivenciada no ensino de métodos qualitativos, no caso específico, a etnografia. Além disso, refere-se a

um estudo teórico-empírico, bibliográfico, com estudo do meio, uma vez que houve a exploração prévia do campo onde a vivência foi realizada.

A proposta se deu na disciplina de Métodos Qualitativos de Pesquisa em Administração do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sendo realizada com uma turma de estudantes em um dia de aula. Inicialmente, destacamos que a atividade foi proposta e realizada por um grupo dentre os estudantes da turma, uma vez que fazia parte dos procedimentos didático-pedagógicos da disciplina desenvolver uma atividade que envolvesse toda a turma. A primeira etapa da atividade que deu origem a este trabalho, o estudo teórico-empírico, considerou a pesquisa bibliográfica em artigos específicos sobre o tema e sobre a pesquisa qualitativa de forma geral, especialmente com foco nas características dessa abordagem.

Antes da realização da vivência, os doutorandos tiveram acesso a apresentação teórica sobre o método etnográfico, uma vez que o grupo tinha a responsabilidade de apresentar para a turma um método qualitativo, no caso, a etnografia, inclusive com leituras prévias de textos disponibilizados na disciplina. Considerando as características do método, que trata da realidade social, das interações, busca-se conhecer, por exemplo, os aspectos culturais etc. Trata-se de um método que prescinde de interpretação. Nesse sentido, a proposta do grupo foi envolver a turma em uma vivência etnográfica em um ambiente real, natural (também traço da etnografia), no caso, em um estabelecimento comercial. Ademais, para a vivência foram elaborados material didático para apresentação de como ela seria realizada, assim como fichas para obter as percepções dos doutorandos, que tinham por “missão” perceber e analisar, durante a realização da vivência, as interações humanas e elementos não-ditos expressos nessas interações.

A partir do objetivo da prática proposta, realizamos a exploração prévia do campo, no sentido de viabilizar uma vivência em um estabelecimento comercial da cidade de Florianópolis/SC, com foco em atender ao objetivo de experimentar, de algum modo, a aplicação da etnografia. Para tanto, formalizamos, perante ao estabelecimento, todo o processo de liberação para que a turma pudesse realizar a vivência, assim como tomamos o cuidado de identificar e definir como a vivência seria executada junto aos responsáveis do contexto a ser observado, com foco nas questões relacionadas à interação pesquisador e realidade de pesquisa, assim como por tal cuidado envolver aspectos éticos e de subjetividade como, por exemplo, a confiança estabelecida.

A turma de doutorandos contava com 12 alunos, mais a docente responsável pela disciplina e o seu monitor, totalizando 14 pessoas. Porém, da vivência etnográfica participaram ativamente 08 pessoas, sendo 05 doutorandos e 03 doutorandas. Além da docente e do monitor da disciplina, 03 doutorandos foram responsáveis pela proposta da vivência e, portanto, durante a sua realização, que foi de 01 hora, fizeram registros diversos.

Para o desenvolvimento da vivência, acordamos com o gerente do estabelecimento comercial que a turma seria dividida em dois grupos, cada grupo com 04 estudantes, sendo um atuando como empacotadores e o outro como repositores. Em linhas gerais, os empacotadores são os responsáveis por empacotar as compras realizadas pelos clientes, ou seja, têm contato direto com os operadores de caixa que na medida em que passam/bipam as compras as repassam para os empacotadores. Já os repositores são responsáveis por realizar a reposição dos produtos que estão em falta nas prateleiras, de forma que os clientes possam ter sempre os produtos à disposição. Vale ressaltar que o gerente do estabelecimento, com o qual fizemos o contato para viabilizar a vivência, ficou responsável por repassar a realização da atividade para o grupo de colaboradores.

No início da atividade, ao chegarmos no “campo” da pesquisa, o estabelecimento comercial onde a vivência foi realizada, os dois grupos distintos – de repositores e

empacotadores - foram direcionados aos responsáveis por cada segmento do local, que deram as orientações necessárias para o início da vivência. Os doutorandos se apresentaram com camisetas na mesma cor do uniforme dos colaboradores do estabelecimento comercial, de forma a contribuir para melhor imersão na vivência proposta por meio da aproximação da realidade observada.

Finalizada a vivência etnográfica, a turma de estudantes voltou para a sala de aula para a consolidação das percepções. Essa consolidação se deu de três formas: individual, em dois grupos menores (empacotadores e repositores) e envolvendo o debate por toda a turma. Os relatos dos doutorandos e o debate também foram gravados, com a devida anuência e, posteriormente, transcritos para auxiliar na sistematização das percepções.

Nessa perspectiva, buscamos identificar as percepções, os sentimentos dos doutorandos por meio da vivência etnográfica realizada enquanto exercício de pesquisa qualitativa. Para isso, consideramos como elementos analíticos, na análise de suas percepções, as interações observadas no contexto de “pesquisa”; os elementos não-ditos como posturas, gestos, expressões próximas ou reveladoras de simbolismos, etc.; os dilemas acerca dos papéis na vivência etnográfica (estranhamento) e a postura dos colaboradores no ambiente observado. Na próxima seção, as percepções dos estudantes são relatadas, com vistas a explorarmos a ideia e o propósito de que tal vivência pode ser uma alternativa para o ensino de métodos qualitativos.

4. VIVÊNCIA ETNOGRÁFICA: PERCEPÇÕES DOS DOUTORANDOS

As percepções dos doutorandos, obtidas por meio da vivência etnográfica, sobre a experiência vivida como pesquisador inserido em um campo de pesquisa, para a coleta real de informações, sobre os aspectos culturais, as interações no ambiente, dilemas do campo e do pesquisador, foram sistematizadas e caracterizadas em quatro grandes temas (categorias analíticas): interações, postura dos colaboradores, elementos não-ditos e dilemas acerca dos papéis na vivência etnográfica (estranhamento), detalhados nas próximas subseções.

Para melhor compreensão das análises, sobretudo no que se refere aos relatos dos doutorandos, esses serão apresentados considerando o número de doutorandos (1, 2, 3, 4 e 5) e de doutorandas (1, 2 e 3), de forma a garantir o anonimato destes.

O campo de pesquisa em que os doutorandos foram inseridos é um supermercado de bairro, de médio porte, organizado de forma que os clientes não precisem de ajuda para localizar os produtos. É importante ressaltar que o ambiente encontrado no supermercado, no dia do exercício, estava sob um clima de “mudança”, pois a empresa estava sendo adquirida por uma nova rede, com a entrada de novos sócios – situação que não era do conhecimento do grupo que propôs a atividade. Adicionalmente, o supermercado estava trocando a sua marca e logomarca e reduzindo o número de funcionários, em todos os setores. Esse cenário vivenciado pelos doutorandos delineia a percepção dos “estudantes observadores” na descrição da categoria Postura dos Colaboradores.

4.1 Postura dos colaboradores

Esta categoria analítica está relacionada com o comportamento que os colaboradores do supermercado tiveram ao entrar em contato com os doutorandos, de acordo com a perspectiva dos pesquisadores. A literatura ressalta que, ao realizar etnografia, a postura dos colaboradores influencia na inserção do pesquisador no campo a ser pesquisado. Foi observado pelos doutorandos, em diferentes momentos da sua inserção no ‘campo’ para coleta dos dados, a dificuldade por parte dos colaboradores em estabelecer uma comunicação mais direta e espontânea, que favorecesse a obtenção de certa confiança. Nos relatos dos

doutorandos, é possível perceber a reação mencionada:

Percebemos um clima de desconfiança em função do contexto organizacional do alto nível de demissão, a atuação por parte dos colaboradores com uma postura mais fechada então, essa falta de relações [...] (DOUTORANDO 2).

Diante do observado pelo Doutorando 2, é importante ressaltar que, ao inserir-se no campo o pesquisador precisa perceber as relações que ocorrem no ambiente e como elas ocorrem, para poder estabelecer vínculos entre os colaboradores e obter uma postura menos reativa por parte destes. O estabelecimento do vínculo entre o pesquisador e o pesquisado é um aspecto muito importante quando se realiza pesquisa etnográfica (ANDION; SERVA, 2006). Relacionado a este aspecto, Turetta e Alcadipani (2011) argumentam sobre o elemento confiança. Nesse sentido, acreditamos que os autores dialogam na mesma direção, pois a confiança seria um elemento importante para fortalecer o vínculo entre pesquisador e pesquisado na etnografia. Para tanto, é necessário que o etnógrafo ingresse como um integrante do grupo, ocupando uma posição formal.

Por mais que o pesquisador vá ao campo, o campo pode se demonstrar refratário à intercessão dele. Quando a gente chega em um lugar desconhecido a gente não sabe qual é o papel, a função e como aquela pessoa articula com as outras. Então a gente tem que ir buscando, cavando um pouco para tentar entender [...] mais aquele papel e conseguir fazer as associações e articulações corretas com as pessoas. [...] (DOUTORANDO 1).

Um fato bem articulado pela Doutoranda 2 revela que a colaboradora responsável por ensinar a reposição de mercadoria apresentou resistência inicial, mencionando que “[...] *não tenho tempo não, não vou poder te explicar, eu tenho que trabalhar, não tenho tempo para fazer isso*”. Diante dessa situação, a estudante precisou dialogar de forma mais coloquial para que a colaboradora pudesse entender o seu papel de pesquisadora naquele momento.

[...] Aí argumentei que era um trabalho da nossa faculdade, até falei com uma linguagem mais simples assim para eles poderem entender... Eu falei que estávamos fazendo uma pesquisa naquele recinto algo nesse sentido: Uma coisa é a gente pesquisar assim, perguntar para o cliente, outra coisa é a gente ver o cliente fazendo sem ele saber. A gente vai ficar olhando essas coisas todas para a gente fazer nosso relato... A senhora lembra uma vez, teve um pesquisador que se vestiu de gari e apareceu no programa do Fantástico? (DOUTORANDA 2).

A partir disso, a doutoranda 2 conseguiu estabelecer um vínculo de confiança, com a colaboradora percebendo que o seu cargo não seria ocupado pela doutoranda e passando a tratá-la de forma mais gentil e a orientar como o serviço deveria ser realizado.

A literatura demonstra que o estabelecimento da confiança entre o pesquisador e os atores do contexto pesquisado se constitui em uma etapa complexa da pesquisa. No caso da vivência aqui relatada, a dificuldade de interação foi sentida por alguns doutorandos, uma vez que não conseguiram se comunicar com os colaboradores. Por exemplo, a Doutoranda 3 relatou “[...] *toda a interação que aconteceu com a operadora de caixa com quem eu estava, partiu de minha iniciativa [...]*”. Neste caso, foi possível perceber que ocorreu uma

resistência por parte da colaboradora, apesar do esforço da doutoranda para estabelecer um vínculo de interação. Além disso, foi relatado que havia pouco vínculo entre os próprios colaboradores, de acordo com o que observou o Doutorando 2, que expressou:

Houve a comunicação entre o operador de caixa e o empacotador, mas a gente não percebeu a relação entre os operadores de caixa. Então a gente não conversou com a operadora que estava com ela, e ela em momento algum se direcionou à nós e olhou [...]. Em momento algum ela me fez alguma pergunta e algo do tipo e nem com os vizinhos empacotadores e caixas (DOUTORANDO 2).

As posturas dos colaboradores também ocorreram no sentido de distinção entre eles, os colaboradores e os doutorandos. Nesse sentido, o Doutorando 1 destacou:

[...] os funcionários criaram como se fosse um grupo, separaram a gente. Como se fossem nós e eles e isso ficou bem claro assim... teve uma hora que a Doutoranda 1 estava com o carrinho dela em um computador que eu precisava usar e eu perguntei para ele se ele estava usando e ele disse: ‘É dela lá, que está com vocês aí.’ [...] (DOUTORANDO 1).

Em parte, essa dificuldade que alguns doutorandos apresentaram pode estar vinculada à falta de comunicação entre o gestor e os colaboradores, pois no momento da percepção dos doutorandos os colaboradores não foram notificados que iria ocorrer uma simulação de pesquisa no campo, conforme ressaltado pela Doutoranda 2: “*O gerente da loja [...] disse assim: Você (colaboradora) fica com ela (Doutoranda 2); então foi possível perceber que o gerente não [havia] avisado previamente a repositora sobre a atividade que seria realizada naquela manhã*”. Essa percepção, inclusive, foi reforçada pelo Doutorando 1: “*Então, como eles não tinham clareza do que estávamos fazendo, acabaram nos tratando diferente*”.

Os relatos apresentados pelos doutorandos reforçam a ideia de Cunliffe e Alcadipani (2016), de que os objetivos e os interesses dos membros das organizações são diferentes divergindo, inclusive, dos interesses do próprio pesquisador. Por isso, com base nas dificuldades de alguns dos estudantes, percebemos que cabe ao pesquisador conseguir conciliar e reformular os interesses da empresa diante de sua presença quando da realização da pesquisa de campo.

Indo ao encontro do elemento confiança ressaltado por Turetta e Alcadipani (2011) foi possível observar que os colaboradores receberam os doutorandos com postura e atitudes reativas. Cabe lembrar que o tempo de inserção no campo foi pouco (cerca de 1 hora), não havendo tempo hábil para os doutorandos conseguirem articular melhor suas interações com os colaboradores e isso significou, certamente, uma das razões para tal situação. Ademais, o comportamento descrito dos colaboradores parece natural, em um primeiro momento, considerando serem os pesquisadores estranhos à organização – inclusive por não terem sido os colaboradores informados sobre sua presença e as razões da mesma – e principalmente em razão do clima organizacional encontrado no dia da vivência, com “nuvens” de incerteza pelas mudanças, instabilidade do vínculo de trabalho e as ameaças de demissão de colaboradores.

4.2 Interações entre pesquisador-pesquisado

A pesquisa etnográfica tem como um dos objetivos abordar as interações humanas, de

modo que o pesquisador ingressa no grupo estudado como se fosse um membro e procura realizar as atividades que são desempenhadas pelo grupo, compartilhando ao máximo a vida social daqueles que estão sendo observados. Assim, o pesquisador, ao se inserir no grupo, deve revelar quais são as suas intenções ao mesmo tempo em que participa ou trabalha naquele local (STACEY, 1977, apud TURETTA; ALCADIPANI, 2011). Nesse sentido, a categoria analítica agora abordada buscou verificar as interações - ou a sua ausência - entre os doutorandos e os colaboradores, e o desempenho dos estudantes para atingir outro aspecto da proposta da vivência, que era verificar as interações que ocorreram no ambiente e os elementos não-ditos, descritos em seção específica.

Para melhor compreensão desta categoria foi necessário uma subdivisão entre as interações dos colaboradores e as interações que ocorreram no ambiente, percebidas pelos doutorandos. Iniciaremos pela primeira subdivisão, interações com os colaboradores. Muitas dessas interações também estão presentes na categoria “Postura dos Colaboradores” como, por exemplo, a baixa comunicação entre os repositores, bem como entre os operadores de caixa e a ausência de comunicação do gerente com os colaboradores, já descrita na seção anterior.

De acordo com as percepções dos doutorandos, identificamos que essas interações foram percebidas de maneira distinta. O relato do Doutorando 2, por exemplo, expressa a comunicação de um gerente de setor, no caso o gerente responsável pelos operadores de caixa e empacotadores:

Os funcionários realmente acharam que os participantes seriam os novos contratados, porque, por exemplo, o rapaz me levou lá para o fundo da loja, depois me levou para fazer um *tour* na loja também me tratou como se eu fosse trabalhar realmente na loja, e daí eu comecei a dar uma direcionada na conversa, mas mesmo assim o funcionário perguntou se eu voltaria amanhã, aí eu respondi que não, que seria um trabalho para o doutorado (DOUTORANDO 2).

Esse relato ressalta que o gerente buscou uma interação mais próxima e cordial com o doutorando, mas ficou evidente, novamente, que houve pouca comunicação entre os colaboradores, pois esse gerente, responsável pelo setor de frente de caixa, não sabia sobre a realização da vivência etnográfica, que estava sendo realizada naquele momento na organização.

Ainda em relação às interações vivenciadas pelos doutorandos, observamos a importância do pesquisador ir a campo conhecendo o método a ser utilizado, corroborando com o argumento de Stacey (1977), citado por Turetta e Alcadipani (2011), quando ressalta a necessidade de o pesquisador revelar suas intenções aos seus pesquisados. Assim, no relato a seguir, percebemos que o doutorando fez os devidos esclarecimentos à colaboradora que o recebeu quando da realização da vivência:

Eu estava muito integrado, as pessoas do meu caixa me cumprimentaram, me trataram bem... mas eu pensava: isso não é a realidade, esse rapaz que tinha recém sido demitido, ele pegou a bebida dele, olhou para mim e perguntou para a moça do caixa se já estavam contratando novos funcionários. A moça do caixa então falou que não, que éramos da universidade (DOUTORANDO 4).

Essa atitude também se mostrou importante para a Doutoranda 2, conforme relatado na categoria anterior, quando explicou as suas intenções à colaboradora que estava auxiliando

e percebeu que a interação foi facilitada e se tornou mais agradável. Isso foi evidenciado, inclusive, conforme o relato da Doutoranda 2, porque antes do término da vivência etnográfica a colaboradora já estava contando aspectos de sua vida pessoal, corroborando com a teoria que destaca que a explicitação das intenções do pesquisador favorece as interações com o pesquisado.

Outra interação que foi destacada por uma das doutorandas diz respeito a linha tênue entre o trabalho etnográfico (no caso, a vivência etnográfica) e o risco de invasão do espaço pesquisado, no caso o ‘lugar’ dos colaboradores. A percepção dessa interação foi assim relatada: *“Eu tive muito cuidado em não atrapalhar o serviço dela, porque é um serviço “de verdade” [...] então a gente tem que ser proativo na medida em que nos dão liberdade para ser proativo sem ser incômodo. Eu queria ajudá-la, mas não queria invadir o espaço dela”*. (DOUTORANDA 1).

Este trecho ressalta a importância da percepção e sensibilidade do pesquisador no ambiente em que está inserido. Estabelecer uma relação de confiança e respeito é importante para a coleta dos dados, pois é necessário que o grupo o aceite para a compreensão do campo. Esse comportamento dos colaboradores junto aos doutorandos é normal em um primeiro contato, pois o pesquisador é um ser estranho em seu ambiente, o que vem a gerar certo incômodo com os demais (CANÇADO, 1994).

Com relação às interações que ocorrem simultaneamente no ambiente pesquisado, a que apresentou maior destaque foi justamente a comunicação do gerente com os colaboradores que, na opinião dos doutorandos, pode se caracterizar pela falta de comunicação. Algumas dessas interações já foram elencadas anteriormente, mas como se mostrou um comportamento repetitivo merece destaque nessa subseção de interações.

Em diferentes momentos os doutorandos perceberam que a comunicação do gerente com a equipe foi controversa e fortemente marcada por uma hierarquia vertical e autoritária, como pôde ser observado, por exemplo, na fala do Doutorando 3: *“Foi perguntado ao repositor do mercado se, quando não há caminhões, ele pode descansar. Ele disse que não, que quando não há caminhões no pátio para realizar as reposições os empregados necessariamente têm que estar trabalhando porque o gerente está de olho”*. Este relato corrobora com o comentário da Doutoranda 2: *“[...] eu percebi que os funcionários sempre percebem que o gerente está sempre de olho, ou seja, há uma supervisão constante, até no sentido de vigiar para punir os funcionários”*.

Além das interações entre os colaboradores houve relato de interações destes com os clientes, conforme destacado pelo Doutorando 2, que ocorreu no caixa ao lado do que ele estava trabalhando: *“Percebemos relações de intimidade entre os operadores e os clientes no caixa preferencial, pois a operadora conhecia todos os clientes”*, dado que a colaboradora era a que possuía mais tempo na sua função no mercado. Mas, houve comportamentos ao contrário desta observação relatada, ocorrido no caixa em que o Doutorando 1 estava realizando a sua vivência: *“[...] percebemos muito mais um nível formal de interação, de bom dia e obrigado [...] quando o cliente se demonstrava receptivo, [...] o operador era mais simpático e até ensinava o cliente a detectar notas falsas [...] O nível de interação variava conforme a disponibilidade dos clientes”*.

As interações também ocorreram por parte dos clientes, o que pode nos remeter ao fato de que esses são clientes a mais tempo do supermercado, conforme relato do Doutorando 2: *“Teve uma cliente que percebeu que a doutoranda 3 era nova no mercado, assim como percebeu que os demais participantes da atividade também eram novos ali”*.

Contudo, nem todas as interações foram positivas, havendo aquelas que demonstraram falta de educação por parte dos clientes como, por exemplo, um dos relatos a seguir, quando a Doutoranda 3 estava atendendo como empacotadora em um caixa: *“Teve uma cliente [...] que estava com as bags dela e ela jogou em mim, [...] e falou: dentro tem uma sacola para o ovo.*

Ela não me olhou, ela simplesmente pegou a sacola e falou que dentro tinha a sacola para o ovo. Remetendo, inclusive, a uma relação de “serviçal” (DOUTORANDA 3). E também o questionamento de um dos colaboradores que foi demitido no dia da vivência etnográfica, pois o mesmo achou que os doutorandos eram novos colaboradores, demonstrando sua perplexidade diante dos acontecimentos; assim, complementando essa situação, o doutorando 4 relata a fala do ex-colaborador: “se colocarem ele para fazer meu serviço quero ver ele durar uma semana”, se referindo ao doutorando que estava em um caixa atuando como empacotador.

Houve, ainda, a interação entre cliente e gerente que também demonstra, possivelmente, que os clientes em questão frequentam o supermercado regularmente, ao ponto de conhecer o gerente e discutir, por exemplo, sobre o preço dos produtos, conforme vivenciado no setor de hortifruti pela Doutoranda 2. Ao conferir os preços a cliente levou a reclamação para o caixa em que o Doutorando 4 estava fazendo a sua vivência na condição de empacotador.

Eu flagrei uma mini discussão, porque uma senhora reclamou com o gerente dos preços dos produtos em virtude do dia da feira. Uma vez que os produtos estavam com os valores maiores do que no dia que não era o dia da feira, estavam o dobro do preço. Aí ela sabia, por exemplo, que a batata doce estava 2,69 e daí ela foi na segunda-feira que é o dia da feira, então o produto estaria o mesmo valor ou mais barato e ela chegou no mercado e a batata doce estava 3,89. Aí ela ficou indignada e chegou no caixa brigando com todos, pois ela não queria pagar aquele valor. E eles ficaram batendo boca dentro do supermercado, porque o gerente não queria baixar o valor (DOUTORANDA 2).

Essas interações entre os próprios colaboradores e com os clientes refletem indícios de uma cultura organizacional gerenciada, de certa forma, empiricamente, com poder hierárquico controlador e opressor, conforme relatado pelos participantes. A etnografia é justamente utilizada para descobrir o outro, a sua cultura; um método importante para perceber o comportamento humano no seu contexto social (CANÇADO, 1994).

Destacamos que, além das interações humanas identificadas na vivência, algumas interações não-humanas também foram relatadas pelos doutorandos. Os elementos não-humanos, bem como a sua coexistência com os humanos são geralmente tratados superficialmente na Teoria Organizacional (ORLIKOWSKI, 2007). Todavia, sua inclusão na análise dos fenômenos e da prática da pesquisa reduz o risco de direcionar a atenção somente para as pessoas, negligenciando uma variedade de elementos que compõem as relações (CZARNIAWSKA, 2008) e que auxiliam a constituição da realidade e a produção de significados.

Na vivência etnográfica, especificamente no grupo dos repositores, o aspecto observado pelos doutorandos acerca da interação com os não-humanos refere-se à atividade ter sido considerada solitária, conforme ressaltou o Doutorando 1: “*Como tivemos também essa função mais solitária, foi difícil de observar algum tipo de interação humana*”, assim como observado pelo doutorando 4: “*O trabalho de repositor é um trabalho solitário, há pouca e às vezes nenhuma interação, a interação que ocorre é com objetos, não humanos [...]. Às vezes passa um colega [...] e fala alguma coisa, mas é por pouco tempo. Então não tive muitas interações*” (DOUTORANDO 4). E a doutoranda 1 explanou experiência similar:

A gente considerou que é uma atividade solitária, com baixa interação,

com interação com os produtos basicamente. Necessitava de muita atenção, calcular os espaços de quanto caberia para cada produto. A questão do trabalho de reposição ser solitário eu acho que deve mesmo ser, porque se a pessoa desconcentrar pode errar na precificação quando o cliente for pagar (DOUTORANDA 1).

O papel de um pesquisador que se utiliza da etnografia não pode ocorrer sem este se inserir no ambiente da sua pesquisa. Especificamente como aconteceu no ambiente observado e considerando as categorias delimitadas, é preciso que o pesquisador desenvolva as mesmas – ou o mais similar possível – atividades dos demais integrantes do local pesquisado. Para tanto, a utilização da técnica de observação participante pode permitir a flexibilidade que é inerente às pesquisas interpretativistas (CANÇADO, 1994).

As principais reflexões realizadas pelos doutorandos, quanto a interação entre o pesquisador e o pesquisado, remetem as interações entre os colaboradores e os não humanos. Quanto às interações com os colaboradores destacamos o momento de reorganização do supermercado, como a troca de sócios e a demissão de funcionários, o que acarretou em desconfiança e resistência por parte dos colaboradores, fato reforçado pela falta de comunicação do gerente sobre a realização da vivência etnográfica na organização. Outro ponto de destaque é a interação com os objetos, os não humanos, ou seja, o sentido dado a eles só possível pela inserção no contexto pesquisado, em que ao exercer a função de repositor, os doutorandos que estavam conscientemente engajados com o contexto experienciado pela vivência etnográfica, consideraram a interação pesquisador e objeto (não humano) solitária.

4.3 Os não-ditos

Os hábitos e as atitudes dos indivíduos que são objeto de estudo também devem ser considerados na pesquisa etnográfica, possibilitando compreender o real comportamento das pessoas, visto que a pesquisa acontece no ambiente natural em que os sujeitos estão inseridos (CALIMAN; COSTA, 2008).

Neste sentido, revela-se a impossibilidade de o discurso abranger uma enunciação completa sobre a realidade observada. Entende-se, deste modo, que os hábitos, as atitudes e os símbolos são considerados não-ditos e que estes são constituintes, fundadores do discurso e dizem respeito às diversas facetas da linguagem. Portanto, perpassa e ultrapassa todo o dito e, de alguma forma, o complementa (ORLANDI, 2005). Costumeiramente, os não-ditos podem ser observados em diferentes perspectivas, ou seja, aquilo que as pessoas sabem e não precisam dizer e tudo o que sabem e não querem dizer. Desta forma, os não-ditos podem expressar significados importantes para a compreensão da realidade e, mais especificamente, do fenômeno em estudo (CABRAL, 2008).

Na vivência etnográfica realizada, um não-dito observado entre os participantes foi a utilização de camisetas na mesma cor do uniforme utilizado pelos colaboradores. Esta camiseta foi representada como um símbolo que inseriu os pesquisadores no campo da vivência e, neste caso, foi considerada pelos doutorandos como um elemento não-dito, conforme segue:

A camiseta para mim foi um não-dito que fez toda a diferença, porque eu tive várias interações, ainda que pequenas só porque eu estava com a camiseta. Então, por exemplo, um cliente veio me perguntar [...]. O cara do sindicato que me entregou o panfleto sobre a o salário que não foi reajustado. Ele, por exemplo, me perguntou: Mudou a camiseta de

vocês? Uma funcionária que me reconheceu como funcionária nova já veio e me deu dicas de como fazer determinadas tarefas para tornar meu trabalho mais fácil caso eu tenha dificuldades. Então assim, deu para ver que a camiseta “me colocou ali”. Então a camiseta (**o uniforme**) me auxiliou nesse processo, tanto para os funcionários quanto para os clientes (DOUTORANDA 3) (grifo nosso).

Outro elemento que foi observado pelos participantes em relação aos não-ditos foi o estabelecimento das relações de poder entre os colaboradores e o gerente. Tais relações perpassam tanto a questão de postura quanto a questão de vestimenta, uma vez que o gerente se veste diferente dos demais sem estar, inclusive, com o uniforme do estabelecimento. Essa percepção é destacada, por exemplo, no relato da Doutoranda 3.

Uma coisa que eu observei é que o gerente estava com uma camiseta polo branca de marca. E eu achei aquilo meio deselegante, no sentido de que há uma distinção em relação aos outros funcionários. Porque é uma camisa de marca e os outros usam uniforme vermelho (DOUTORANDA 3).

Além disso, a doutoranda 3 destacou uma relação de poder e autoridade, um não-dito por parte do gerente, quando esse se encontrava em um determinado ambiente, pois há um poder psicológico exercido pelo gerente sobre os colaboradores. Em seu relato, menciona: *“Ainda sobre o gerente eu percebi que os funcionários [...] percebem que o gerente está sempre de olho [...] Quando ele chegava no corredor, era possível perceber que a pessoa que estava trabalhando ficava diferente, ela se fechava”* (DOUTORANDA 3).

O silêncio e a recepção reativa, com pouca iniciativa por parte dos colaboradores diante da situação vivenciada, com o cenário de mudança na organização, expressa outro não-dito, esse relacionado ao medo da demissão, com a chegada dos doutorandos, já que alguns acreditavam que eram novos colaboradores.

Os não-ditos ressaltam que há muita informação e comportamentos que devem ser observados pelo pesquisador no campo em que está inserido, pois essa leitura facilita a interação do pesquisador no campo e a postura dos colaboradores com o pesquisador.

4.4 Dilemas acerca dos papéis na vivência etnográfica

O estranhamento é o processo em que o observador vivencia durante a observação no campo. Esse consiste na dificuldade de estabelecer e separar os dois papéis exercidos pelo pesquisador, o de observador e o de observado. Convém destacar que este estranhamento é afetado por uma complexidade adicional quando em uma pesquisa em organizações, interferindo fortemente na relação colaborador/pesquisador (JAIME JÚNIOR, 2003).

Malinowski (2018) afirma que a subjetividade do observador na coleta de dados, na etnografia, interfere de modo mais marcante do que na coleta dos dados já cristalizados e imutáveis, por este motivo, o autor argumenta que é necessário deixar que os fatos falem por si mesmos.

De acordo com Cavalcanti (2017), estes papéis que o pesquisador vivencia fazem com que ele reconheça dois pontos: primeiro, eu, enquanto pesquisador, não sou um deles; e, em segundo lugar, que o pesquisador deve refletir sobre o que significa tornar-se um deles e se isso é, de fato, possível. No processo de observação etnográfica o pesquisador deve ser capaz de olhar as coisas em profundidade e não apenas ver aquilo que salta aos olhos, que permite ao pesquisador se surpreender durante a pesquisa.

Em relação à diferenciação dos papéis de observador e de observado, o pesquisador é responsável (na condição de observado) por compartilhar com os outros colaboradores as obrigações organizacionais, além de ter de executar as atividades formalmente definidas para a sua função. Por outro lado, o pesquisador (na condição de observador) precisará coletar dados e informações que envolvem fazer perguntas sobre aspectos sociais e culturais das relações dos indivíduos, elaborar anotações ao perceber algo relevante e observar atentamente o desdobramento de eventos enquanto trabalha (TURETTA; ALCADIPANI, 2011). O desempenho destes dois papéis pode se configurar como uma dificuldade durante a etnografia, uma vez que o pesquisador deve estar atento as suas diferentes atividades em cada um dos papéis a ele atribuído.

No contexto da atividade realizada, a separação entre os dois papéis – no caso, de ‘pesquisador-colaborador’ - foi revelada por alguns dos doutorandos ao falarem sobre suas percepções da vivência etnográfica:

Foi bem difícil separar, todos os colegas, inclusive, sentiram a mesma dificuldade. Não sei se é pela nossa formação, mas quando nos delegaram a atividade, a gente queria realizar a atividade, e nesse sentido eu até buscava controlar o tempo, de modo a conseguir realizar o maior número de atividades naquele tempo e não ficar sem serviço. Então, de vez em quando eu me policiava para observar como pesquisador e não exercer somente o papel de pesquisador, mas era preciso prestar mais atenção (DOUTORANDO 1).

Eu não consegui separar muito bem, porque a arte de reposição tem uma lógica por detrás, então fiquei muito preocupada com a atividade e não consegui pensar além disso (DOUTORANDA 3).

Ainda em relação às dificuldades de diferenciar e de desempenhar os papéis vividos na vivência etnográfica, os doutorandos relataram elementos que são pertinentes à adoção do método etnográfico como, por exemplo, o tempo limitado da vivência e a (im) possibilidade de fazer anotações sobre a pesquisa do campo.

De acordo com Malinowski (2018), o pesquisador só poderá se familiarizar plenamente com o contexto, quando há um contato muito estreito com os pesquisados durante um longo período, pois desta forma é possível desvendar as regras e as regularidades dos costumes dos pesquisados. Nesse sentido, o doutorando 4 mencionou: “*Devido ao pouco tempo foi difícil desenvolver uma autopercepção sobre o trabalho*” (DOUTORANDO 4).

Visto sob esta perspectiva, podemos dizer que a prática apresentou certa limitação – ainda que o nosso propósito tenha sido fazer um exercício como alternativa para estudo do método da etnografia –, uma vez que houve pouco tempo destinado para a observação do fenômeno em si. Desta forma, foi possível perceber que para a prática da vivência etnográfica deveria ter sido previsto mais tempo, de maneira que os doutorandos se entrosassem com os colaboradores.

No que se refere à impossibilidade, ou dificuldade, de fazer anotações sobre a pesquisa no campo, o doutorando 1 destacou: “*Não anotar prejudicou este processo, pois muitas vezes o pesquisador não consegue se colocar na posição de observador e só na posição de participante*” (DOUTORANDO 1).

No tocante à (im) possibilidade de realizar anotações sobre a observação da pesquisa, Malinowski (2018) argumenta que, ao observarmos os comportamentos dos pesquisados, devemos não só anotar os acontecimentos e detalhes ditados pelo campo, como também registrar, de maneira cuidadosa e exata, as atitudes dos atores, umas após as outras. O autor

também afirma que as anotações não devem ser transformadas em simples anotações superficiais, mas que estas anotações devem conseguir compreender a atitude mental daqueles que são observados.

5. REFLEXÕES FINAIS

A etnografia caracteriza-se como um método de pesquisa de estudos qualitativos. Tal como ocorre nas pesquisas qualitativas, uma pesquisa que adota o método etnográfico utiliza-se de diferentes estratégias de coleta de dados, com foco em obter o máximo de evidências a fim de colaborar na compreensão do fenômeno estudado e interpretar os significados que as pessoas lhe atribuem.

Nesse sentido, destacamos a importância de não diferenciar ou valorizar determinado método em detrimento de outros, mas, como proposto neste artigo, mostrar que promover o exercício dos métodos qualitativos, em particular, no ensino da pesquisa, nos ajuda a percebermos como a realidade é complexa – especificamente, os fenômenos estudados – e como ela pode ser abordada sob a perspectiva de diferentes lentes, tal como a ‘lente da etnografia’, sempre articulando o que ‘queremos enxergar’ com aquilo que realmente estamos enxergando, à luz da lente utilizada, sobretudo reconhecendo as múltiplas facetas que essa realidade complexa tem / pode ter.

Assim, este artigo, na forma do que chamamos de relato técnico-acadêmico, foi gerado a partir de uma vivência etnográfica para exercitar o método etnográfico, e teve o propósito de identificar os significados e as percepções de estudantes de doutorado sobre sua experiência em um campo de pesquisa. Deste modo, buscamos, a partir da experiência proposta e aplicada pelos doutorandos, contribuir para o debate acerca do exercício do método de estudos qualitativos no âmbito dos Estudos Organizacionais.

É possível afirmar que o objetivo do artigo foi alcançado, uma vez que a vivência etnográfica possibilitou o exercício do método por meio da percepção dos doutorandos em identificar elementos característicos do método etnográfico frente à vivência realizada e as diferentes interações que aconteceram no momento de realização da atividade nos papéis de observador e observado.

A partir deste artigo, esperamos estimular outras inovações em experiências de ensino para auxiliar na compreensão dos métodos de pesquisa qualitativa por meio de vivências, possibilitando, desta forma, aproximar os alunos de seus conteúdos e de suas práticas, independentemente do nível de formação, resguardadas as particularidades dos fenômenos de estudo.

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R. Confissões etnográficas: fracassos no acesso a organizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 1, n. 1, p. 64-87, jun., 2014.

ANDION, C.; SERVA, M. A etnografia e os estudos organizacionais. *In*: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A.B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

BARBOSA, M. A. C.; NEVES, F. E. B.; SANTOS, J. M. L.; CASSUNDÉ, F. R. de S. A.; CASSUNDÉ JÚNIOR, N. F. “Positivismos” versus “Interpretativismos”: o que a Administração tem a ganhar com esta disputa? **Organizações em contexto**, São Bernardo do Campo, v. 9, n. 17, jan.-jun., p. 1-29, 2013.

CABRAL, J de P. Sem palavras: etnografia, hegemonia e quantificação. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, pág. 61-86, abril., 2008.

CALIMAN, N. F.; COSTA, R. R. C. **Os Desafios da Pesquisa Etnográfica na Administração**: uma Análise a partir de Artigos Publicados de 1998 a 2007. In: XXXII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração- ANPAD. Rio de Janeiro, 2008.

CANÇADO, M. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 23, 1994.

CAVALCANTI, M. F. R. Diretrizes para pesquisas qualitativas em estudos organizacionais: controvérsias e possibilidades. Rio de Janeiro, **Administração: Ensino e Pesquisa**, v.18, n.3, p.457-488, set-dez. 2017. Disponível em: <<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/522>>. Acesso em: 6 dez. 2019.

CEFAI, D. T. *et al.* Un pragmatisme ethnographique: L'enquete cooperative et impliquee: **L'Engagement ethnographique**, Paris: Éditions de l'École des hautes études em sciences sociales, p. 447-472, 2010.

COSTA FILHO, E.; GOMES, M. A. D. A.; TEIXEIRA, R. M. A etnografia na pesquisa em administração: Análise da produção científica nacional de 2000 a 2015. **Revista de Empreendedorismo e Inovação Sustentáveis**, v. 4, n. 3, set-dez, 2019. Disponível em: <<http://revista.isaebrasil.com.br/index.php/EGS/article/view/41>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

CUNLIFFE, A. L.; ALCADIPANI, R. The Politics of Access in Fieldwork: Immersion, Backstage Dramas, and Deception. **Organization Research Methods**, v.1, n. 27, 2016. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1094428116639134>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

CZARNIAWSKA, B. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management**: an International Journal, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008. Disponível em: <<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/17465640810870364/full/html>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

DENZIN, N.; K.; LINCOLN, Y. (org.). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 1, p.15-41.

FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GARSIDE, R. Should we appraise the quality of qualitative research reports for systematic reviews, and if so, how? Innovation: **The European Journal of Social Science Research**, v. 27, n. 1, p. 67-79, 2013.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio-ago., 2006.

JAIME JÚNIOR, P. Pesquisa em organizações: Por uma abordagem etnográfica. **Civitas**, v.

3, n. 2, jul.-dez. 2003.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Disponível em:

<https://www.google.com.br/books/edition/Argonautas_do_Pac%C3%ADfico_Ocidental/741oDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0>. Acesso em: 20 maio 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLIKOWSKI, W. J. Sociomaterial practices: exploring technology at work. **Organization Studies**, v. 28, n. 9, p. 1435-1448, 2007. Disponível em:

<<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0170840607081138>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

RUBEN, G.; SERVA, M.; CASTRO, M. L. Resíduos e complementaridade: das relações entre a teoria da administração e a antropologia. **Revista de Administração Pública**, v. 30, n. 3, p. 68-80, maio/jun., 1996. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/8052/6832>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

SCHNEIDER, W. A.; FEUERSCHÜTTE, S. G.; ALPERSTEDT, G. D. Grupo focal na pesquisa em administração: aplicações em estudos brasileiros. **Caderno de Administração**, Maringá, v. 27, n. 1, jan.-jul., 2019.

TURETTA, C.; ALCADIPANI, R. Entre o observador e o integrante da escola de samba: o não-humanos e as transformações durante uma pesquisa de campo. **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 2, art. 3, p. 209-227, mar./abr. 2011. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n2/v15n2a04.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

VIDICH, A. J.; LYMAN, S. M. Métodos qualitativos: sua história na sociologia e na antropologia. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.